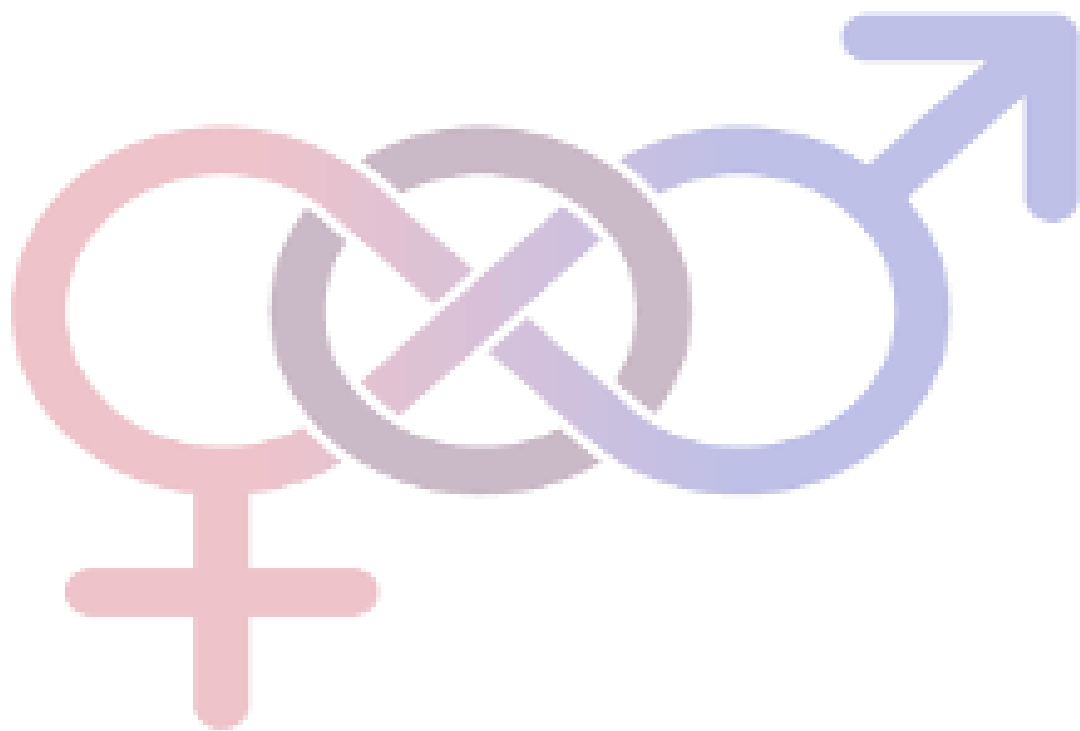


RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU/URCA



DISCENTE: MARIANA DE OLIVEIRA DUARTE
ORIENTADOR: PROF. DR. GLAUBERTO DA SILVA QUIRINO

A Educação Física foi utilizada por muitos anos como ferramenta para a separação de meninos e meninas nas escolas. Este fato gerou impactos para o desenvolvimento da disciplina, contribuindo para que ela ocorra, até os dias de hoje, com sexismos e desigualdades de gênero.

Os estudos voltados para as temáticas de Educação Física e gênero identificam uma carência no que diz respeito à formação de professores/as, denotando que, para que a igualdade de gênero seja uma realidade nas aulas da disciplina, são necessários avanços, principalmente nas metodologias utilizadas pelos/as professores/as.

Pelo citado, este caderno propõe uma sequência de conteúdos para serem consultados em atividades síncronas e assíncronas, com objetivo de promover discussões acerca das relações de gênero no trato pedagógico da disciplina de Educação Física.

Bons estudos!

Mariana de Oliveira Duarte.

PROPOSTA DE FORMAÇÃO: RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

I - GÊNERO E DIVERSIDADE

<i>Gênero</i>	04
<i>Principais Conceitos</i>	07
<i>Relações de Gênero</i>	13

II - INTERSECCIONALIDADE

<i>Conceito de Interseccionalidade</i>	18
<i>Interseccionalidade no esporte</i>	22

III. GÊNERO E ESPORTE

<i>Trajetória das mulheres no esporte</i>	25
<i>Biologia X Gênero</i>	29
<i>Transgêneros no esporte</i>	36

IV. TÓPICO VI - GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

<i>Desigualdade de Gênero na Educação Física Escolar</i>	43
<i>O que apontam os estudos?</i>	47
<i>Estratégias para minimizar a desigualdade de gênero nas aulas</i>	50
<i>Gênero na formação superior em Educação Física</i>	52

Gênero e diversidade

Foi no século XX que as discussões sobre gênero se fortaleceram nas diversas áreas, inclusive no meio educacional. A definição de gênero como hoje conhecemos, formou-se entre as pesquisas e estudos do movimento feminista.

Essa compreensão objetivou realizar uma distinção do conceito de sexo, sendo gênero, portanto, uma construção e não uma determinação.

Joan Scott (1990) entendia gênero como uma categoria de análise útil e importante para compreender as relações de poder.

De maneira geral, o termo gênero foi constituído para trazer o entendimento de que o “ser homem” ou “ser mulher” na sociedade, não depende de sua formação biológica ou física, e sim, de sua identificação como sujeito/a, sendo algo que é construído durante toda a vida.

Gênero e diversidade

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (GDE, 2010, p. 39).

Importante entender que...

SEXO # GÊNERO

Enquanto sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, o gênero diz respeito aos papéis sociais, ou seja: sexo é uma característica biológica e gênero é uma distinção sociológica.

Gênero e diversidade

Beauvoir (1949) buscava descartar qualquer determinação natural da conduta feminina ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”;

Gayle Rubin, em 1975, afirmou que a organização social do sexo é baseada no gênero, na heterossexualidade compulsória e na imposição de restrições à sexualidade feminina;

Butler (1990) reiterou que os gêneros não são inscritos passivamente nos corpos, nem determinados pela natureza, mas são resultado de uma repetição estilizada de atos.

No Brasil, somente a partir dos anos 1980 as feministas/pesquisadoras passaram a utilizar o termo “gênero”.

Gênero e diversidade

Para tratar sobre gênero, é necessário entender e refletir a respeito de alguns pontos importantes sobre da temática. Neste subtópico, serão apresentados e diferenciados os conceitos de **identidade de gênero**, **sexualidade** e **orientação sexual**.

Identidade de gênero

É a maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para as demais pessoas da sociedade em relação ao seu próprio gênero. Diz respeito à percepção subjetiva, conforme papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

As representações de identidade de gênero são:

- **Cisgênero:** pessoa que se identifica com o sexo biológico designado no seu nascimento.
- **Transgênero:** pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele atribuído no nascimento.
- **Não-binário:** pessoa que não se identifica completamente nem com o “gênero de nascença” nem com outro gênero.
- **Travesti:** pessoa que nasce com o sexo biológico masculino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade.

Gênero e diversidade

Sexualidade

A sexualidade representa um conjunto de comportamentos que configuram uma necessidade básica, tratando-se de um traço de personalidade do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da sua vida.

Ela manifesta-se de maneira diferente em cada indivíduo, influenciando pensamentos, sentimentos, ações, interações e, conseqüentemente, a saúde física e mental.

O filósofo francês Michel Foucault trouxe importantes contribuições para os estudos sobre sexualidade. Ele defendia a ideia de que, no mundo ocidental, durante os séculos XVIII e XIX, a identidade das pessoas começa a estar cada vez mais ligada à sexualidade (FOUCAULT, 1894).

Para o autor, a sexualidade é uma construção na qual se entrelaçam a preocupação com a moral, com a ética e as práticas em relação a si próprio.

Gênero e diversidade

Orientação Sexual

A orientação sexual refere-se à direção do desejo afetivo e erótico de cada pessoa.

O termo orientação sexual tem sido utilizado, nos últimos anos, em oposição a "opção sexual", pois a ideia de opção permite a compreensão de que a pessoa pode escolher o direcionamento do seu desejo, o que não corresponde à realidade, uma vez que a orientação sexual é algo inerente ao ser humano.

Em relação à sua orientação sexual, uma pessoa pode se identificar como:

- **Heterossexual:** atração pelo sexo oposto.
- **Homossexual:** atração pelo mesmo sexo (Gays, lésbicas).
- **Bissexual:** atração por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto.
- **Assexual:** nenhuma atração, ou raros e específicos momentos de atração sexual.
- **Pansexual:** atração independente de sexo ou gênero.

PARA REFLETIR

Desde a criação do termo, a **homossexualidade** carrega o estigma de ser associada ao pecado e à doença. Antigamente, dizia-se “homossexualismo” para indicar que as práticas homossexuais eram consideradas doenças e para tanto, poderiam (e deveriam) ser tratadas.

Apenas em 1993, a Classificação Internacional de Doenças (CID) passou a não considerar mais a homossexualidade como uma doença.

A partir de 1999, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da resolução 01/99, proibiu psicólogos/as de submeterem pessoas à terapias “curativas” para conversão da homossexualidade.

Sendo assim, o uso sufixo ISMO foi substituído pelo DADE, reconhecendo que a homossexualidade trata-se de uma vivência/prática humana, que não tem associação com doença, crime ou pecado.

Da mesma forma que a heterossexualidade não tem explicação científica universal, a homossexualidade também não possui, e cada pessoa deve ter a liberdade de viver plenamente a sua sexualidade.

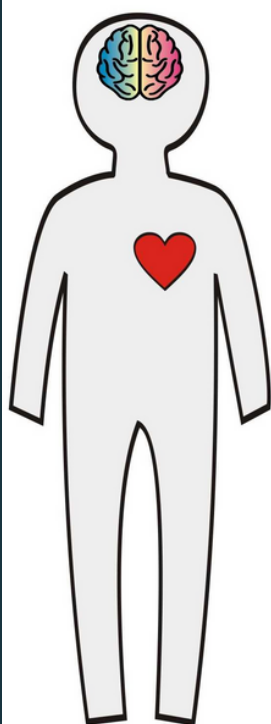
(Disponível em
<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/orientacao-sexual>)

PARA REFLETIR

Importante entender que:

Identidade de gênero e Orientação sexual são conceitos diferentes, e não possuem uma relação pré-estabelecida.

Pessoas cis-gênero podem ser heterossexuais, bissexuais ou homossexuais, da mesma forma, pessoas transexuais podem possuir qualquer expressão de orientação sexual.



Identidade de Gênero

É a maneira como você se enxerga; o gênero que você se sente parte.



Orientação Sexual

Indica pelo que você sente atração, mostra para que lado a sua sexualidade está "orientada".



Gênero e diversidade

LGBTQIA+

GLS: Gays, lésbicas e simpatizantes (1980).

GLBT: Gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (2000).

LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (2000).

LGBTQIA+ (2020)

L - Lésbicas

G - Gays

B - Bissexuais

T (ou TTT) - Transexuais, travestis e transgêneros

Q - Queer: Pessoas que não se identificam com os padrões de heteronormatividade impostos pela sociedade e transitam entre os “gêneros”, sem também necessariamente concordar com tais rótulos.

I - Intersexuais, antigamente chamadas de hermafroditas.

+ - Engloba toda a pluralidade
GBTQIAAP

Alguns marcos legais acerca de Direitos Humanos, direitos das Mulheres e direitos das pessoas LGBTQIA+

- Decreto 8.727 de 28 de abril de 2016 - Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.
- Decreto 7.959 de 13 de março de 2013 - Aprova o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres.
- Decreto 5.167 de 3 de agosto de 2004 - Institui o Grupo de Trabalho Interministerial para elaborar proposta de medida legislativa e outros instrumentos para coibir a violência doméstica contra a mulher.
- Lei 13.104 de março de 2015 - Prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, no rol dos crimes hediondos.
- Brasil Sem Homofobia - Programa de Combate à Violência e Discriminação contra a população LGBTQIA+ e de Promoção da Cidadania Homossexual.
- Decreto 5.397 de 22 de março de 2005 - Dispõe sobre a composição, competência e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação - CNCD.
- Resolução nº 1 de 19 de janeiro de 2018 - Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares.

(FONTE: **Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero** - Projeto de Lei do Senado, nº 134, de 2018).



RELAÇÕES DE GÊNERO

As relações de gênero referem-se às relações sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem um papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Este tipo de relação desigual imposto pela sociedade, reforça os preconceitos e privilégios de um gênero sobre outro e ajuda na construção da identidade sexual das meninas e dos meninos, utilizando-se da disciplina como instrumento para orientar a conduta das crianças segundo seu gênero (GUIMARÃES, 2010).

Em uma sociedade machista e patriarcal, as relações de gênero são construídas de maneira a atribuir papéis diferenciados aos homens e às mulheres, restando às últimas, muitas vezes a subordinação e piores condições de estudo e trabalho.

O estudo do feminismo e das relações de gênero deve existir no sentido de buscar uma sociedade mais igualitária, na qual meninos e meninas tenham o mesmo acesso a seus direitos básicos, e possam viver com equidade de oportunidades.

SAIBA
MAIS!

INDICAÇÃO DE LEITURAS:

- Acesse o material do curso **Gênero e Diversidade na Escola Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais (2009)**. O curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) foi uma experiência inédita de formação de profissionais de educação à distância, nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. O curso ocorreu em 2008, e consistiu de uma articulação entre o Governo Brasileiro (Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva/ Ministro da Educação: Fernando Haddad), que teve o objetivo de contribuir para a formação continuada de profissionais de educação da rede pública, tratando articuladamente: as relações de gênero, as relações étnico-raciais e a diversidade de gênero.
- **Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero:** Projeto de Lei do Senado, nº 134, de 2018.
- **Livro: Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Guacira Lopes Louro (1997).** Ao focar gênero como uma categoria de análise, a autora revisita teorias feministas e propõe um pensamento plural, que analise a fundo as representações sociais e escape dos argumentos biológicos e culturais da desigualdade, os quais sempre têm o masculino como ponto referencial.



SAIBA
MAIS!

INDICAÇÃO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

- **Liberdade de Gênero - Série Documentário da GNT de 2016.** Liberdade de Gênero conta a história de pessoas, gêneros diversos e suas lutas para vencer os preconceitos e levar uma vida normal.
- **Filme As Sufragistas (2015 - Disponível na Netflix).** O filme narra o início da luta do movimento feminista e os métodos incomuns de batalha. A história das mulheres que enfrentaram seus limites na luta por igualdade e pelo direito de voto.
- **Documentário: Feministas: o que elas estavam pensando? (2018 - Disponível na Netflix).** Com ajuda do livro fotográfico de Cynthia MacAdam, a diretora Johanna Demetrakas reuniu depoimentos de mulheres feministas do início do movimento com as atuais. Cada uma compartilha as suas lutas, experiências e aprendizados para garantir os seus direitos.



BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro, 1949.

BRASIL. Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero - Projeto de Lei do Senado, nº 134, de 2018.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, setembro de 1990.

CARRARA, Sergio; HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; ROHDEN, Fabíola; BARRETO, Andreia; PEREIRA, Maria Elisabete. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUIMARÃES, Letícia de Castro. Relações de gênero e sexualidade. Estudo sobre as relações de gênero e as contribuições da prática docente para a desmistificação de diferenças e preconceitos em relação ao sexo (sexismo) em sala de aula. 2010, Brasil Escola.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

RUBIN, Gayle. "Sexual traffic", Differences: A Journal of Feminist Culture Studies, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

Interseccionalidade

A interseccionalidade consiste no estudo da intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados à opressão, dominação ou discriminação (ZINN, 2003).

Ela nos permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes.

A teoria interseccional sugere e procura examinar como diferentes categorias biológicas, sociais e culturais, tais como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, idade e outros eixos de identidade, interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos.

Trata-se de um parâmetro para entender como a injustiça e a desigualdade social sistêmica ocorrem em uma base multidimensional.

Interseccionalidade

A interseccionalidade sustenta que as conceituações clássicas de opressão dentro da sociedade — tais como o racismo, o sexismo, o classismo, capacitismo, xenofobia, LGBTQIA+fobia, e intolerâncias baseadas em crenças — não agem independentemente umas das outras, mas, que essas formas de opressão se interrelacionam.

Para entendermos como essas questões funcionam na prática, basta pensarmos que: nós vivemos em uma sociedade que oprime e assedia mulheres, porém, mulheres negras e/ou pobres sofrem mais opressões que mulheres brancas e/ou ricas.

É comum escutarmos que as mulheres tendem a ganhar salários menores que os homens, porém, no Brasil, homens negros ganham menos que mulheres brancas (IBGE, 2019).

Interseccionalidade

Entender as relações interseccionais nos leva a refletir que podemos ocupar simultaneamente locais de dominação e subordinação.

A teoria interseccional surgiu através de um movimento liderado por mulheres negras, que contestou a ideia de que as mulheres eram uma categoria homogênea, que compartilhava das mesmas necessidades e experiências de vida (DAVIS, 2016).

A interseccionalidade é um paradigma importante no conhecimento acadêmico e contextos mais amplos, podendo explicar como as categorias socialmente construídas de diferenciação interagem para criar uma hierarquia social.

Por exemplo, a interseccionalidade sustenta que não há experiência singular de uma identidade. Ao invés de compreender a posição social de um sujeito apenas pelo prisma do gênero, é necessário considerar outras categorias como classe, habilidade, nação ou raça, para ter uma compreensão mais completa.

ALGUNS DADOS SOBRE INTERSECCIONALIDADE NO BRASIL:

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres ganham 20,5% a menos que os homens no Brasil, mesmo exercendo as mesmas funções. Se tratando de mulheres negras, as pesquisas apontam que elas ganham menos da metade do salário de um homem branco (44,4%).

Em 10 anos, o assassinato de mulheres negras aumentou 54,2%, enquanto o de mulheres brancas caiu 9,8%. **No Brasil, uma mulher negra tem três vezes mais chance de ser vítima de feminicídio do que uma mulher branca.**

Sobre o sistema carcerário feminino, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2015 mostrou que 62% das mulheres em reclusão são negras, enquanto 37% é branca e 1% pertence a outras etnias.

Na ciência e na vida acadêmica, menos de 3% do corpo docente de Pós-graduação no Brasil é composto por doutoras negras.

Fonte: Interseccionalidade: Duas (ou mais) vezes discriminação, 2020.

INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE:

O estudo de Calheiro e Oliveira (2018), intitulado Interseccionalidade no Esporte, teve como objetivo refletir sobre a divisão racial e sexual do esporte no Brasil. Dentre os principais resultados da pesquisa, destaca-se:

- Se por um lado a história das mulheres nos esportes masculinizados é de exclusão, limitação e vetos em função do gênero, do outro, a história dos homens negros nestas esferas é de opressão e vetos nas funções de poder.
- Em relação à prática do futebol, as mulheres negras sofrem dupla opressão e exclusão, comparada às brancas.
- Nas funções de arbitragem, há um número ínfimo de mulheres no quadro, em comparação com os homens.
- Por fim, a pesquisa concluiu que nas Olimpíadas, vê-se a inclusão de mulheres em diversos esportes, e no somatório final, o número de atletas mulheres aproxima-se dos homens. Já no quesito raça, há uma menor participação de negros/as em várias modalidades, incluindo algumas denominadas de “esportes de elite”. O termo é explicado para justificar de forma sutil a exclusão dos/as negros/as, por exemplo, no tênis, hipismo, esgrima e tantos outros esportes

SAIBA
MAIS!

INDICAÇÃO DE LEITURAS:

- **Livro: Mulheres, Raça e Classe, Angela Davis (1981).** O livro é considerado um clássico sobre interseccionalidade de gênero, raça e classe. Nele, a autora traz o panorama histórico e crítico da luta feminista, antirracista e antiescravagista.
- **Livro: E eu não sou uma mulher? bell hooks (2019).** Uma obra fundamental sobre a mulher negra e os preconceitos socioculturais ainda presentes.
- **Livro: Racismo Estrutural, Silvio Almeida (2018).** Neste livro, o autor parte do princípio de que o racismo é sempre estrutural, integra a organização econômica e política da sociedade.

INDICAÇÃO DE FILMES:

- **Filme: Histórias Cruzadas (2011, disponível na Netflix).** O filme conta a vida de empregadas negras que cuidavam de crianças brancas em uma sociedade extremamente racista, na qual negros e brancos não podiam frequentar os mesmos lugares.
- **Filme: Estrelas Além do Tempo (2016).** Baseado em fatos reais, o filme conta a história de três cientistas negras da NASA que revolucionaram o mundo.
- **Filme: A Negação do Brasil (2019).** Tabus, preconceitos e estereótipos raciais são discutidos a partir da história das lutas do atores negros pelo reconhecimento de sua importância da história da telenovela, o produto de maior audiência no horário nobre da TV brasileira.



REFERÊNCIAS

ZINN, Howard. A People's History of the United States (Harper Perennial: New York, p. 253, 2003).

DAVIS, Angela. Women, race & class. New York: Vintage Books, 2016.

CALHEIRO, Ineildes; OLIVEIRA, Eduardo David. Interseccionalidade no esporte: Reflexões sobre o estudo com as árbitras de futebol e o método corpo-experiência. REBEH V.1 N.3, 2018.

Gênero e Esporte

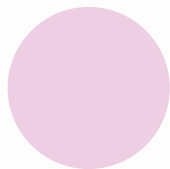
Ao analisarmos dados históricos, fica evidente que os esportes - sobretudo os de maior contato físico - tiveram seu início sendo praticados majoritariamente por homens.

Por muitos anos, a exclusão e proibição feminina aos esportes foi justificada em função das diferenças biológicas entre homens e mulheres, pelo machismo sempre presente na sociedade, e principalmente, pela crença de que as mulheres não tinham força ou porte físico suficiente para praticar esportes.

A desigualdade de gênero e o sexismo dificultam o acesso feminino às práticas esportivas em todos os níveis. Seja na escola, no esporte amador ou no de alto nível; as mulheres (e aqueles/as que fogem ao padrão heteronormativo) terão maiores dificuldades de ingressar na prática.

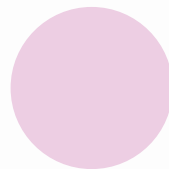
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO

Esporte Olímpico



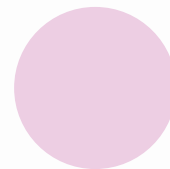
GRÉCIA ANTIGA

Nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, participavam das competições apenas homens livres nascidos nas cidades-estado gregas. As mulheres tinham sua participação proibida.



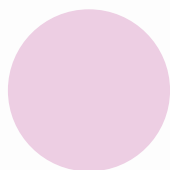
1896 ATENAS

Na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, as mulheres ainda eram proibidas de participar das competições e não podiam estar presentes nos ginásios nem como espectadoras.



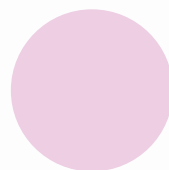
1900 PARIS

Na segunda edição das Olimpíadas, as mulheres participaram "extraoficialmente" das competições de golfe e tênis, mas não eram consideradas atletas e não ganhavam premiações.



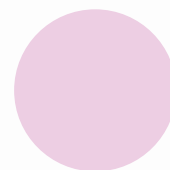
1920 ANTUÉRPIA

Somente a partir da edição de 1920, passaram a ser contabilizados os recordes do esporte feminino, quando a francesa Alice Melliat fundou a Federação Esportiva Feminina, fato que possibilitou também a criação de regras específicas para a prática feminina nas modalidades.



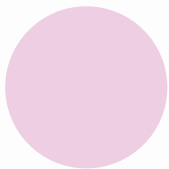
1956 MELBOURNE

A ginasta soviética Larissa Latynina era, até 2012, a pessoa com mais medalhas na história dos Jogos Olímpicos. A atleta foi ao pódio 18 vezes e seu feito só foi superado em 2012, pelo nadador Michael Phelps.



2012 LONDRES

A 27ª edição dos Jogos Olímpicos em Londres foi a **primeira vez na história** em que as mulheres competiram em todas as modalidades esportivas.

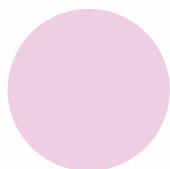


2021 TÓQUIO

As Olimpíadas de Tóquio tiveram participação feminina recorde (49%), mas as mulheres ainda se encontraram em menor quantidade em oito modalidades.

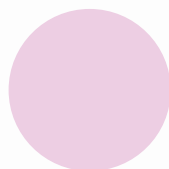
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO

Esporte brasileiro



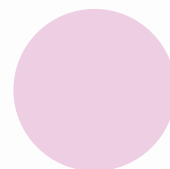
1932

Maria Lenk foi a primeira atleta brasileira (dentre 45 atletas homens) a participar das Olimpíadas, competindo na natação.



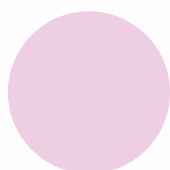
1941

Publicado o Decreto 3.199/1941, que proibia as mulheres de participarem de qualquer modalidade esportiva contrária à “natureza” feminina.



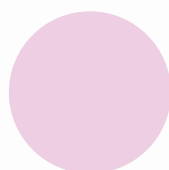
1965

O Conselho Nacional de Desportos acrescentou a Deliberação 7 no decreto 3199/1941 e proibiu estritamente a prática feminina nas lutas, no futebol, polo-aquático, rugby, halterofilismo e baseball.



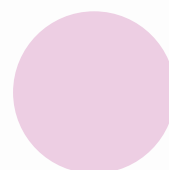
1979

O Conselho Nacional de Desportos iniciou o processo para a revogação do Decreto 3.199/1941, após a cerimônia de entrega dos prêmios às atletas vencedoras do Campeonato Sul-Americano de Judô.



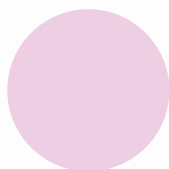
1983

Finalmente, após mais de 40 anos de proibição, o Decreto 3.199/1941 foi revogado e acabou sua vigência no Brasil, ficando permitida a prática feminina em qualquer modalidade esportiva.



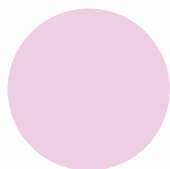
1996

O Brasil conquistou seu primeiro pódio feminino na 26ª edição dos Jogos, com o vôlei de praia, quando as atletas **Sandra Pires e Jaqueline Silva** conquistaram a medalha de ouro.



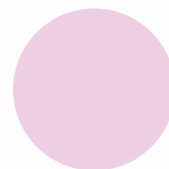
1990

O trio formado por **Hortênicia, Janeth e Paula** trouxe muitas conquistas para o Basquete brasileiro nos anos 90. As três fizeram parte do elenco que alcançou o ouro no Pan-Americano de 1991, a prata no Mundial em 1994 e a conquista do bronze, em Sidney 2000.



2003

Daiane dos Santos foi a primeira ginasta brasileira (entre homens e mulheres) a conquistar o ouro em um Mundial de Ginástica. Na ocasião, ela executou pela primeira vez o duplo twist carpado, que posteriormente foi batizado pela Federação Internacional como “Dos Santos”.

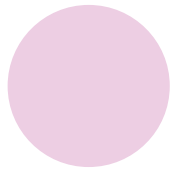


2008

A atleta **Maurren Maggi** saltou 7,04 metros no primeiro salto em Pequim, na China, e as adversárias não conseguiram mais superá-la. Assim Maurren garantiu o primeiro ouro olímpico de uma brasileira em esportes individuais.

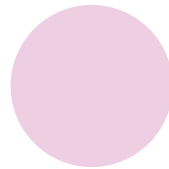
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO

Esporte brasileiro



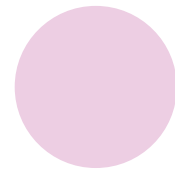
2016

Amanda Nunes fez história ao tornar-se a primeira mulher a conquistar cinturões em duas categorias do Ultimate Fighting Championship (UFC). O primeiro cinturão veio em 2016, na sua sexta luta. Em 2018, no duelo contra Cris Cyborg, que não era derrotada há mais de 13 anos, Amanda precisou apenas de 51 segundos para nocautear a adversária e conquistar o novo cinturão.



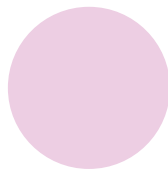
2016

A judoca **Rafaela Silva** se tornou a primeira atleta na história do judô brasileiro a ter o título de campeã mundial e olímpica, ao conquistar sua medalha de ouro em 2016.



2019

A jogadora **Marta Silva** consagrou-se como a maior artilheira da Copa do Mundo de Futebol, entre homens e mulheres, ao marcar seu 17º gol na Copa de 2019. Ela é também a única jogadora que marcou gols em todas as edições que participou, recebendo seis vezes o título de melhor do mundo.



2021

Rayssa Leal, com apenas 13 anos, conquistou a medalha de prata no skate street nos Jogos Olímpicos, se tornando a mais jovem medalhista brasileira da história das olimpíadas.

A dupla de tênis **Laura Pigossi e Luisa Stefani** fizeram história ao conquistar a primeira medalha de bronze olímpica do tênis brasileiro.

Ana Marcela Cunha foi campeã da maratona aquática, aos 29 anos, recebendo a primeira medalha de ouro olímpica do Brasil na modalidade.

Mayra Aguiar, recebeu a medalha de bronze no judô, se tornando a primeira brasileira a ganhar três medalhas de bronze em três edições dos Jogos Olímpicos seguidas.

Rebeca Andrade ganhou as medalhas de ouro e prata na ginástica artística, aos 22 anos, consagrando-se como a primeira campeã olímpica do Brasil na modalidade.

A dupla **Martine Grael e Kahena Kunze** venceu e ganhou a medalha de ouro na classe 49ER FX da vela, na sua segunda participação Olímpica.

Biologia x Gênero

Segundo Dornelles e Wenez (2019, p. 53): "ao pensarmos na Educação Física como campo de atuação e de reflexão, identificamos que o esporte acionado nessa disciplina opera e circunscreve para a produção de um corpo sexuado, filiado ao gênero binário e expoente de uma sexualidade heterossexual."

Como exemplo, em relação à produção dos corpos femininos, no geral, entende-se que a mulher deve aproximar-se ao máximo das expressões hegemônicas de feminilidade, inclusive durante a prática esportiva e desde a idade escolar.

Isso implica "construir uma narrativa que ressalta a beleza, a graciosidade e a sensualidade como seus maiores atributos, reforçando, portanto, uma representação hegemônica de feminilidade" (GOELLNER, 2005, p. 148).

Quando falamos em práticas esportivas posicionadas socialmente como masculinas, essa relação entre esporte e experiências de corpos sexuados femininos, torna-se mais "vigiada".

Ou seja, o esporte pode ser uma ferramenta presente na vida das mulheres, desde que, "a experiência não resulte em um corpo forte, suado ou musculoso, pois, a partir da lógica binária e heterocentrada, isso significaria distância e perda dos atributos de fragilidade, beleza e delicadeza, produzidos incessantemente como naturais para determinar corpos pelo contrato heteronormativo" (DORNELLES e WENETZ, 2019, p. 53).

Biologia x Gênero

O estudo de Brito (2019) buscou analisar performances e sexualidades dissidentes dentro do voleibol.

O autor afirma que "o esporte atual adequa-se cada vez mais às demandas apresentadas pela sociedade, em especial, à emergência de identificações de gênero e sexualidades alternativas entre seus/suas participantes. Ao produzirem suas subjetividades, atletas gays, lésbicas, transgêneros e intersexuais contestam os modelos binários e heterocentados impostos historicamente, performatizando feminilidades e masculinidades consideradas dissidentes, em diferentes modalidades e espaços esportivos" (BRITO, 2019, p. 83).

Nos Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro em 2016, segundo o site especializado *OutSports*, foram contabilizados 55 atletas que possuem orientação sexual homossexual assumida, sendo 44 atletas lésbicas e 11 atletas gays. Destes/as, seis são brasileiros/as: cinco mulheres e um homem.

Fica evidente pelo quantitativo apresentado que, em um espaço masculinizado como o esporte olímpico, a aceitação de atletas gays (ou a possibilidade de um atleta homem se assumir publicamente gay) é um processo ainda mais difícil do que para as atletas lésbicas.

Biologia x Gênero

A comparação em relação ao desempenho esportivo de homens e mulher é algo recorrente, e uma discussão que só aumenta com o passar dos anos e com a ampliação da participação feminina nas competições.

A separação por sexo nas modalidades esportivas é algo naturalizado, e é interessante analisar que a sociedade aceita e espera a integração entre homens e mulheres em diversas áreas, como escolas, trabalhos e demais ambientes sociais, no entanto, nas modalidades esportivas a separação continua como algo conveniente, e não percebemos o impacto dessa segregação.

Acerca das diferenças fisiológicas existentes entre homens e mulheres, um estudo publicado em 2010 no *Journal of Sports Science and Medicine*, examinou os avanços em recordes mundiais e as performances dos 10 melhores atletas em 82 esportes, ano a ano, desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos.

Segundo os autores, fatores genéticos e hormonais acarretam em diferenças consideráveis, que afetam negativamente a altura, o peso, a gordura, a massa muscular, a capacidade aeróbica, a força, a velocidade e o limiar anaeróbico das mulheres, em detrimento dos homens.

Biologia x Gênero

Como informa Barros (2013):

O homem possui um número maior de glóbulos vermelhos no sangue, o que proporciona maior capacidade de transporte de oxigênio e conseqüentemente, um desempenho aeróbico superior. Homens possuem também débitos cardíacos máximos maiores, o que ocasiona vantagens fisiológicas em solicitações de resistência.

Sobre o fator hormonal, a testosterona permite um maior desenvolvimento da musculatura, podendo assegurar vantagens em relação à força, potência e velocidade.

A Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, assegura que as mulheres possuem um percentual maior de gordura corporal, resultando em menor eficiência termorregulatória nos exercícios em ambientes quentes. Sobre a realização de exercícios aeróbicos, observa-se menor consumo máximo de oxigênio em mulheres, em comparação com os homens. O resultado geral é que o desempenho desportivo das mulheres pode ser 6% a 15% menor em comparação com os homens.

Entretanto, sabemos que a separação e a desigualdade de gênero no esporte não tem raiz biológica, mas sim social.

Biologia x Gênero

Knijnik, autor do livro *A mulher brasileira e o esporte* (2003), afirma que “mensurar as diferenças físicas ou biológicas entre homens e mulheres teria relevância apenas se conseguíssemos apagar os efeitos de aspectos históricos e sociais envolvidos no desenvolvimento da mulher no esporte”. Para o especialista, a comparação de atuais atletas masculinos e femininos tem o viés das diferentes condições que cada um enfrentou para chegar aonde está.

No Brasil, há também o forte fator financeiro: atletas homens são mais bem preparados e têm melhores patrocínios. Sem falarmos da mídia, que prioriza em mais de 75% a cobertura do esporte masculino.

A própria separação entre os sexos nas competições pode prejudicar o rendimento feminino. A maratonista britânica Paula Radcliffe provou isso quando solicitou que corredores homens a acompanhassem na maratona de Londres de 2002. Com essa referência, ela baixou o recorde mundial feminino em mais de um minuto.

Nessa discussão, o objetivo não é o de se negar a influência das diferenças biológicas, mas sim, de nos atentarmos aos impactos sociais existentes. O critério sexo não deveria ser o mais relevante para algumas modalidades, o mais lógico seria criar categorias que separassem os competidores por idade, altura ou alguma outra característica mensurável (KNIJNIK, 2003).

A batalha dos sexos



Na imagem, os tenistas Billie Jean King e Bobby Riggs na competição que ficou conhecida como a Batalha dos Sexos.

Ocorrido em 20 de setembro de 1973, nos Estados Unidos, o jogo que contou com o maior público de uma partida de tênis em toda a história.

O motivo de tanta repercussão: a tenista Billie Jean King enfrentaria finalmente Bobby Riggs (ambos campeões de Wimbledon, entre vários outros torneios), que havia afirmado que uma mulher jamais venceria um homem no tênis.

Billie Jean venceu a partida por 3 sets a 0.

Modalidades esportivas que, no geral, oferecem vantagens aos homens:

- Arremesso de peso
- Boxe
- Judô
- Natação (curta distância)
- Futebol
- Rúgbi

Modalidades esportivas que, no geral, oferecem vantagens às mulheres:

- Ginástica Olímpica
- Natação (longa distância)
- Nado sincronizado
- Patinação no gelo

Modalidades neutras, nas quais a divisão poderia ocorrer baseada em características como estatura, idade ou peso:

- Tiro ao alvo
- Automobilismo
- Ciclismo
- Vôlei
- Salto triplo
- Salto em altura
- Corrida

Fonte: Super Interessante. Corridas entre homens e mulheres, futebol misto, rankings unificados. Out 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/guerra-dos-sexos-2/>



Transgêneros no esporte

A inclusão de atletas transgêneros no esporte é um assunto muito discutido nos últimos anos. No entanto, a ciência ainda carece de trabalhos sólidos que possam fortalecer qualquer tipo de conclusão no meio esportivo.

Em novembro de 2015, o Comitê Olímpico Internacional (COI) derrubou algumas das barreiras que dificultavam a participação de atletas trans em competições de grande porte, e foram determinadas novas regras para aceitação de mulheres trans, exigindo controle dos níveis de testosterona sanguínea abaixo de 10 nmol/L, por no mínimo, um ano, excluindo a necessidade de cirurgia de mudança de sexo.

Para homens trans, não existem impedimentos, uma vez que a transição hormonal para o gênero masculino, não resulta em vantagem físicas e/ou fisiológicas para os atletas.

Porém, mesmo com as modificações nas regras, a participação de atletas transgênero ainda é motivo de discussões e conflitos, pois, mesmo atendendo às normas nos níveis de testosterona, as mulheres trans ainda estariam com níveis aproximadamente quatro vezes acima do que uma mulher cisgênero apresenta normalmente.

Outra preocupação em relação às atletas que passaram por transição hormonal é a possibilidade de adquirirem problemas em função da ausência do hormônio.

Transgêneros no esporte

Joanna Harper é uma médica, corredora e cientista, hoje com 62 anos de idade. Mulher trans, a pesquisadora é pioneira nos estudos sobre pessoas transgênero no esporte.

Convidada para liderar uma pesquisa sobre atletas trans em parceria com a Escola de Ciências do Esporte, Exercício e Saúde da Universidade de Loughborough, ela realizou um estudo inédito, que avaliou a performance física de transgêneros.

A pesquisa foi realizada com oito mulheres trans submetidas ao tratamento de supressão da testosterona. Os resultados do estudo evidenciaram diminuições de massa muscular e densidade óssea depois do tratamento, e o principal, perda de performance na corrida de 5 e 42 quilômetros, comparadas com mulheres cisgênero. A cientista concluiu que a terapia hormonal anula possíveis vantagens de atletas transgênero.

Harper afirma que são necessários estudos semelhantes, com atletas de alto nível ou elite, para obter resultados mais concretos. Porém, a realização dessas pesquisas ainda não foi possível em razão do número mínimo de atletas transgêneros incluídas em modalidades de alto rendimento.



Transgêneros no esporte

No Brasil, o caso de Tiffany Abreu abriu caminho para o debate. Em 2017, a atleta recebeu autorização da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) para disputar a Superliga feminina, após quase dez meses de espera. A decisão usou como jurisprudência as novas regras do COI.

Antes de realizar a transição de gênero, Tiffany, hoje com 35 anos, disputou a Superliga Masculina pelo Juiz de Fora e Foz do Iguaçu. Também teve passagens pela Europa, onde atuou em ligas masculinas em Portugal, Espanha, França, Holanda e Bélgica.

A autorização da participação de Tiffany na equipe feminina gerou repercussão negativa por parte de algumas atletas, que reivindicaram, afirmando que se sentiram prejudicadas diante da decisão da FIVB.

Apesar do caso de Tiffany ter ganhado notoriedade ao longo dos anos, outras atletas trans na história passaram por situações semelhantes. Nos anos 1970, a tenista Renée Richards foi pioneira sendo a primeira transexual a disputar um torneio profissional de tênis, alcançando a 20ª posição no ranking mundial em 1977.

Em 2012, Fallon Fox estreou como lutadora no MMA.

Em 2015, Chris Mosier foi o primeiro transgênero a se classificar para o Mundial de duatlo (ciclismo e corrida) pela equipe dos Estados Unidos.

Em 2017, Laurel Hubbard conquistou a medalha de prata no levantamento de peso no Campeonato Mundial em Anaheim, na Califórnia.

Apesar de casos pontuais de sucesso, todos/as os/as atletas trans sofreram (e sofrem) com a rejeição dos companheiros de modalidade. A ex-lutadora Ronda Rousey, por exemplo, se recusou a lutar contra Fox no octógono do UFC, assim como a brasileira Beth Correa. Na Austrália, a liga de futebol AFL não permitiu que Hannah Mouncey, uma atleta transgênero de 27 anos, fosse inscrita no processo de seleção de jogadoras para a temporada de 2018.





O caso de Tiffany Abreu: O desempenho em quadra é realmente acima da média?

Após iniciar o processo de transição de gênero aos 29 anos, Tiffany só voltou a jogar profissionalmente aos 31. Sobre o seu desempenho nos jogos, pesquisadores afirmam:

"A solução não é excluir a Tiffany. A média de pontos dela não é excepcional. Ela tem uma média alta porque é bastante acionada."

- Renata Mendonça, jornalista do site Dibradoras.

"Eu assisti aproximadamente quatro horas de jogos da Tiffany. Ela é uma jogadora bem sucedida na rede. A altura e a força dela estão acima da maioria das outras meninas da equipe. Mas ela não é a jogadora mais alta da liga, nem bate a bola com mais força do que algumas das melhores da competição. Ela também é uma defensora abaixo da média, que geralmente deixa a quadra quando está no fundo."

- Joanna Harper, uma das principais pesquisadoras internacionais sobre transgêneros no esporte.

"A Tiffany realmente é uma jogadora alta, mas tem jogadoras mais altas que ela e existem jogadoras mais fortes também. É totalmente notável que a Tandara ataca muito mais forte do que a Tiffany. Qualquer pessoa que assistir aos jogos tem essa nitidez. Outras atletas tem o braço mais pesado que o dela. Ela ataca forte, mas não é a mais forte do time."

- Willy Montmann, capitão do time de homens gays AngelsVolley.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/volei/ultimas-noticias/2018/01/24/pros-e-contras-entenda-o-que-esta-em-discussao-no-caso-tiffany.htm?cmpid=>



Pouco tempo após assumir a presidência dos Estados Unidos, Joe Biden cumpriu uma de suas promessas de campanha, e através de uma ordem executiva, publicada em 20 de janeiro de 2021, suspendeu qualquer tipo de discriminação a transgêneros no país, o que inclui o esporte estudantil nos Estados Unidos.

Com a ordem de Biden, qualquer jovem que declarar a identidade de gênero feminina, mesmo com identidade civil masculina, poderá competir com outras mulheres, independentemente de questões hormonais e/ou biológicas. Motivo pelo qual a decisão vem sendo muito questionada e reivindicada no país.

Não há dúvidas que atletas transgêneros devem estar inseridos/as no cenário esportivo profissional, participando de competições mundiais, afinal, uma das maiores funções do esporte é promover a inclusão, seja social ou de gêneros. Da mesma maneira, atletas cisgênero necessitam competir em equidade.

Deve-se buscar o equilíbrio e criar regulamentações que ponderem ambos os princípios, equidade e inclusão, e possibilitem a ampliação da participação de atletas transgêneros, e não a sua segregação.

Não é algo simples, mas é tarefa do Estado e do setor esportivo encontrar soluções para que isso seja uma realidade.



SAIBA
MAIS!

INDICAÇÃO DE LEITURAS:

- **Livro: Esporte, Educação Física e Queer: Sexualidades em Movimento.** Erik Giuseppe Barbosa Pereira e Alan Camargo Silva (2019). A obra caracteriza-se como uma iniciativa política e simbólica perante os referenciais binários, heteronormativos e androcêntricos que ainda atravessam as práticas corporais na contemporaneidade.
- **Livro: Elas e o futebol (2019).** Com um time de 11 artigos e uma equipe de 17 autoras, a obra organizada por Cecília Almeida Rodrigues Lima, Larissa Brainer e Soraya Barreto Januário analisa a importância da representatividade e da participação da mulher no futebol.

INDICAÇÃO DE FILMES:

- **Documentário: Changing the Game (2019).** O longa narra os obstáculos e as dificuldades que atletas transexuais tem que transpor no esporte para poderem competir e para lidarem com o preconceito.
- **Documentário: T Rex (2016).** O documentário conta a história real de Claressa “T-Rex” Shields e sua luta diária para o reconhecimento no boxe feminino. De origem humilde, a atleta conquistou sua medalha de ouro nas Olimpíadas de Londres.
- **Documentário: Mulheres Olímpicas (2013).** O documentário é uma rica retrospectiva da vitoriosa trajetória das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos ao longo de 80 anos.
- **Documentário: Respeita as minas (2020).** O documentário conta a história das jogadoras de futebol feminino do Corinthians, mostrando a rotina e as dificuldades de ser mulher e atleta do esporte no país.

BARROS, Turibio Leite de. **As diferenças entre homem e mulher no esporte**. Sindicato dos Atletas, maio de 2013.

BRITO, Leandro Teófilo de. **Performances dissidentes no espaço do voleibol: masculinidades Queer**. In PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa.; SILVA, Alan Camargo (Org.). **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento** – 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.

DORNELLES, Priscila Gomes.; WENETZ, Ileana. **Educação Física escolar e o trato pedagógico com o esporte: Proposições contrassexuais**. In PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa.; SILVA, Alan Camargo (Org.). **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento** – 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005

KNIJNIK, J.D. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2003

Gênero na Educação Física escolar

A problemática da desigualdade de gênero na Educação Física escolar

A Educação Física, historicamente, atuou nas escolas como um mecanismo para a separação de meninos e meninas. Surgindo como uma disciplina escolar voltada ao desenvolvimento da aptidão física, foi entendida por muitos anos como uma prática preferencialmente masculina, na qual as meninas deveriam ter tarefas e atividades diferenciadas (SOUZA e ALTMANN, 1999).

Como vimos no tópico anterior, a separação entre os gêneros foi por vezes justificada em função das diferenças morfofisiológicas entre homens e mulheres, e a recomendação para que as aulas de Educação Física se desenvolvessem com distinção entre os gêneros, foi decretada no ano de 1971.

Gênero na Educação Física escolar

A problemática da desigualdade de gênero na Educação Física escolar

Apenas a partir da década de 1980, as aulas mistas de Educação Física passaram a ser sugeridas, indicando-se os benefícios para as crianças e adolescentes participantes, e uma maior igualdade no desenvolvimento das atividades (CORSINO; AUAD, 2012).

Contudo, trabalhar a igualdade de gênero na Educação Física escolar requer progressos, principalmente na formação inicial dos/as futuros/as docentes, a fim de que superem em suas aulas, argumentos sexistas de caráter biológico que se encontram embutidos em uma cultura machista e preconceituosa, na qual a superioridade masculina é tida como padrão referencial (ALTMANN, 1998).

Gênero na Educação Física escolar

Saraiva (2005) aponta para a necessidade de superação das condições estereotipadas relacionadas às diferenças entre os gêneros nas aulas mistas de Educação Física, criticando o espaço restrito ocupado pelas meninas durante as aulas. A autora reflete sobre o fato de ser comum nas aulas práticas da disciplina, que os meninos acabem ocupando espaços privilegiados, como a quadra, o ginásio, em detrimento das meninas, que por vezes detêm de menores espaços e poucos materiais para utilizar.

Entre os referenciais que sugerem o trabalho com turmas mistas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998, p.42) reforçam que as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, não reproduzindo de forma estereotipada as relações sociais autoritárias.

Porém, na atual situação da Educação Física, após anos da perpetuação de sexismos e desigualdades de gênero, apenas o fato de unificar as aulas não irá garantir a igualdade de participação para todos e todas. Para que isso ocorra, é necessário um trabalho de ação do/a professor/a, para evitar conflitos de gênero e desigualdades.

Gênero na Educação Física escolar

Bourdieu (1995, p. 145) afirmou que “a dominação masculina na sociedade está suficientemente assegurada”. Sendo assim, não há mais necessidade de exacerbar o quanto os rapazes são aptos, capazes e fortes o suficiente.

Essas atribuições tornaram-se naturalizadas, contornando os homens de coragem, violência e controle absoluto, restando às mulheres a submissão ao choro, histeria e amor, o que veio a ser definitivo para a criação dos esportes divididos por sexos (GOELLNER, 2010).

Segundo Louro (1997) a desconstrução da invisibilidade social da mulher foi o grande objetivo das estudiosas feministas dos primeiros tempos, e este deve ser também o dos/das professores/as de Educação Física na atualidade; trazer visibilidade às meninas, propiciando que elas possuam as mesmas oportunidades de participação nas aulas, diminuindo as possíveis situações de desigualdade e revertendo minimamente a desvalorização feminina para as atividades ligadas ao esporte e à Educação Física que já perdura há muitos anos.

Porém, infelizmente, sabe-se que a igualdade de participação para meninos e meninas não vem sendo aplicada como uma questão central para o desenvolvimento da disciplina de Educação Física nas escolas (FERREIRA, 1996; SOUSA, 1994; FERNANDES, 2008; CORSINO, 2011).

Educação Física e Gênero: o que apontam os estudos?

Um estudo que elaborou o *Estado da Questão acerca das relações de gênero na Educação Física escolar (DUARTE e QUIRINO, 2020)*, e buscou realizar um levantamento bibliográfico das temáticas, examinou 37 produções (32 dissertações de Mestrado e cinco teses de Doutorado) e apontou os seguintes fatos:

- As aulas de Educação Física nas escolas ainda ocorrem, em sua maioria, com separação por gênero e distinção dos conteúdos ofertados para meninos e meninas (SOUSA, 1994; FERREIRA, 1996; ALTMANN, 1998; DUARTE, 2003; FERNANDES, 2008; CONSTÂNCIO, 2011; ALTMANN, 2012; UCHOGA, 2012; JACÓ, 2012; SOUZA, 2013, SILVA, 2019).
- As meninas não desfrutam da mesma oportunidade de participação nas aulas práticas do que os meninos (JUNIOR, 2016; ALTMANN, 1998; SILVA, 2017; UCHOGA, 2012; ALTMANN, 2012; MILANI, 2015; PASSOS, 2014).
- Muitos/as professores/as de Educação Física ainda atuam a partir de pressupostos estereotipados, sexistas e binaristas (GOELLNER, 2010; PEREIRA et al., 2015; SILVA, 2019).
- As desigualdades de gênero presentes na sociedade exercem influência nas aulas de Educação Física (COSTA, 2017; PEREIRA, 2004; DURAN, 1999; ZUZZI, 2005; SANTOS, 2010).
- É possível identificar a carência de uma formação adequada aos/às professores/as de Educação Física no que concerne às questões de gênero e sexualidade (STEFANE, 2003; LEMOS, 2011; SILVA, 2011; SANTOS, 2016; MORAES, 2017).

Educação Física e Gênero: o que apontam os estudos?

Uma pesquisa realizada com os/as discentes do curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri (DUARTE, 2019), identificou que:

- 64% dos/das alunos/as afirmou que as aulas de Educação Física ocorriam, na maioria das vezes, com separação por gênero em suas escolas, durante a Educação Básica;
- 86% afirmou que as meninas se evadiam das aulas mais do que os meninos;
- Mais da metade das acadêmicas entrevistadas (63%) relataram situações de machismo ou exclusões sofridas **dentro do curso de licenciatura em Educação Física;**
- 94% da amostra afirmou ser necessária a inclusão de discussões sobre gênero e sexualidade nos currículos dos cursos de Educação Física.

Impactos da desigualdade de gênero na Educação Física

- No contexto apontado pelos estudos, a Educação Física torna-se a única disciplina escolar que difere as aulas de acordo com o gênero;
- Os conteúdos abordados na disciplina de Educação Física são de grande importância para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, não só no aspecto físico, corporal ou motor, mas também, e principalmente, no social e afetivo, e deveriam ser igualmente trabalhados, independente do gênero;
- Na atualidade, as crianças estão cada vez mais sedentárias e dependentes da tecnologia. Nesse sentido, cabe muitas vezes unicamente à Educação física a função de trabalhar os aspectos voltados ao desenvolvimento motor e corporal das crianças;
- Os impactos gerados pela exclusão/proibição/distinção das atividades femininas nas aulas de Educação Física podem acompanhar as meninas, fazendo com que estas tenham dificuldades ou falta de motivação para se inserir em atividades esportivas durante toda a vida.

Estratégias para minimizar a desigualdade de gênero nas aulas de Educação Física:

- Evitar o uso de "fila de meninas" e "fila de meninos";
- Evitar a esportivização nas aulas;
- Desencorajar a competição entre os gêneros, estimular a cooperação;
- Estimular nas meninas valores como coragem, força, autoconfiança e determinação, igualmente, estimular nos meninos a afetividade, o carinho, respeito e a organização;
- Intervir, discutir e eliminar situações nas quais ocorram machismo, sexismo, racismo, gordofobia, LGBTQfobia, capacitismo, intolerância religiosa, etc.;
- Pesquisar e destacar mulheres importantes na história dos esportes;
- Encorajar, igualmente, meninos e meninas a expressar afeto para com colegas do mesmo gênero ou do gênero oposto;
- Estimular meninas e meninos a conhecer e amar o próprio corpo;

Mais do que pensar em referências técnicas esportivas, biomecânicas ou fisiológicas, a Educação Física deve vislumbrar corpos que são encarnados de sentidos e significados sociais. No momento de ensino das práticas corporais, o professor ou professora deve se desprender de qualquer tipo de preconceito ou crença limitante que ele ou ela possua, para que possa permitir que todos e todas realizem as práticas sem nenhuma distinção ou impedimento (SILVA, 2019).

Estratégias para minimizar a desigualdade de gênero nas aulas de Educação Física:

- Criar regras nas atividades, para que, obrigatoriamente, as meninas participem;
- Estimular as meninas a liderança nas brincadeiras;
- Utilizar o mesmo tom de voz para se dirigir a meninos e meninas;
- Pedir para que meninas auxiliem com os materiais e na montagem das aulas;
- Motivar, igualmente, meninas e meninos a participar de todas as brincadeiras e/ou atividades (bonecas, carrinho, esportes, costura, marcenaria, artesanato, etc.);
- Promover a discussão sobre igualdade de gênero, diferenças entre os seres humanos e a importância de se respeitar estas diferenças.

(ARAÚJO e ESMERALDO, 2014; DUARTE, 2019)

Gênero e diversidade na formação superior em Educação Física

Os Estudos de Gênero na Educação Física tiveram início na década de 1980 e consolidaram-se a partir da década de 1990, com a inclusão de linhas de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e com a publicação de livros e artigos que promoveram a circulação dos estudos de Gênero no meio acadêmico da Educação Física.

Dentro do âmbito dos cursos de graduação, Correia (2017) investigou a presença das discussões sobre gênero e sexualidade nas licenciaturas em Educação Física e afirmou que os conflitos de gênero, recorrentes no contexto da Educação Física Escolar, repetem-se na graduação e não são temas prioritários na formação em Educação Física, e que esta discussão, na maioria das vezes, fica relegada à afinidade, ao conhecimento e ao interesse dos docentes pelo assunto, inserindo-se como um tema transversal.

Devide e Araújo (2019) realizaram um estudo que objetivou analisar como as temáticas de gênero e sexualidade estavam sendo abordadas nos cursos de Licenciatura em Educação Física das Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro. Após análise de 467 ementas, foram identificadas apenas quatro disciplinas (0,85%) que abordam as temáticas nos currículos, em apenas três das Instituições pesquisadas. A autora e o autor concluíram que as referidas temáticas encontram-se marginalizadas na formação superior em Educação Física, colaborando para o despreparo da abordagem das relações de gênero pelos docentes em sua futura intervenção pedagógica.

Gênero e diversidade na formação superior em Educação Física

Dinis (2011) entende que a temática de gênero deve ser incluída no currículo de formação, para que novos/as professores/as possam desenvolver estratégias de resistência ao currículo heteronormativo. Necessidade que é reforçada, quando refletimos sobre a realidade da escola: local no qual as questões de gênero, sexualidade e a heteronormatividade compulsória se fazem presentes e costumam gerar práticas de exclusão e violência no cotidiano, fato evidente nas aulas de Educação Física (DORNELLES e WENETZ 2019).

Altmann (2013, p. 79) reforça que a discussão sobre gênero e sexualidade está inserida nas escolas de um modo mais amplo do que nas Instituições de Ensino Superior. Tal fato deve-se a maior autonomia do estudante universitário a respeito do conhecimento, que propicia tanto a inclusão, quanto a ausência destes temas no currículo, além da estrutura mais fixa e tradicional dos cursos de formação superior que também dificulta mudanças nos currículos.

Portanto, a importância da atuação pedagógica do/a docente dos cursos de formação em Educação Física relaciona-se a pensar formas sobre “como” incorporar a temática do gênero e da sexualidade nas aulas, tendo como papel fundamental mediar a construção de conhecimento sobre esses temas, para que os/as alunos/as sejam capazes de respeitar e valorizar a diversidade em suas múltiplas expressões.

SAIBA
MAIS!

INDICAÇÃO DE LEITURAS:

- **Livro: Educação física escolar: relações de gênero em jogo.** Helena Altmann (2015). Este livro analisa como as relações de gênero atravessam as práticas corporais, em especial, o esporte. Sem dúvida, gênero é um marcador social de diferenças imprescindíveis para compreender e intervir pedagogicamente na Educação Física escolar.
- **Livro: O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar.** Daniela Auad, Luciano Corsino (2017). O volume analisa, a partir de pesquisa de campo sobre a experiência docente e de estudo aprofundado de bibliografia, como, nas aulas de Educação Física escolar, podem ser estabelecidas relações de gênero que reforçam as diferenças hierarquizadas entre o feminino e o masculino, bem como podem ser construídas práticas que auxiliam na eliminação de tais desigualdades.
- **Livro: Estudos de gênero na Educação Física e no esporte.** Fabiano Pries Devede (2017). A obra investiga como os cursos superiores em Educação Física têm preparado futuros(as) docentes para a intervenção pedagógica em relação às questões de gênero na escola, a partir de um estudo de caso, problematizando as barreiras para a inserção e a manutenção de mulheres no ensino de modalidades consideradas como áreas de reserva masculina.
- **Livro: O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Org. Guacira Lopes Louro (1998). O livro traz autoras e autores de distintas formações acadêmicas que refletem sobre as desigualdades e as diferenças históricas e socialmente atribuídas aos corpos e convidam leitoras e leitores a compartilhar de sua inconformidade em face do silêncio e da marginalização impostos a sujeitos e práticas sexuais.
- **Livro: Mulher e esporte.** Antonio Carlos Simões (2002). O livro é um convite a uma reflexão sobre o fenômeno da inserção e da exclusão das mulheres com a discussão de problemas sociais, culturais, ideológicos, econômicos, políticos e psicológicos ainda insuficientemente estudados da profissão mulher-atleta.

ALTMANN, Helena. **Rompendo as fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física**. Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

ALTMANN, Helena.; MARIANO, Marina.; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Corpo e movimento produzindo diferenças de gênero na educação infantil**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 5, jun. 2012.

ALTMANN, Helena. **Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente**. Sexualidad, salud y sociedad – Revista latino-americana. Rio de Janeiro, n. 3, p. 69-82, 2013.

ARAÚJO, Iara Maria de.; ESMERALDO, Joana Darc. **Educação de meninas e meninos: pensando conceitos, repensando práticas**. In Dialogando com os saberes da docência: pesquisas, teorias e práticas. Vol 2, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física**. Brasília: MEC. P. 42, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação e Realidade. v. 20 n. 2, p.145. Porto Alegre, 1995.

CONSTÂNCIO, Ana Aparecida Esperdião. **Gênero e Educação Física: repercussões da política educacional gestão 2007-2010 em Santa Cruz Do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas, RS, 2011.

CORSINO, Luciano Nascimento. **Relações de gênero na Educação Física escolar: uma análise das misturas e separações em busca da coeducação**. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência). Universidade Federal de São Paulo, SP, 2011.

COSTA, Simone Berto da. **As relações entre desigualdades de gênero e autoexclusão de alunas das aulas de Educação Física no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado de Oliveira, RJ, 2017.

CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pries; MURAD, Maurício. **Discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em Educação Física**. In: DEVIDE, F.P. Estudos de Gênero na Educação Física e no Esporte. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017. p.1 7-47

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar**. Cortez, São Paulo, p. 111, 2012.

DEVIDE, Fabiano Pries; ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho. **"Gênero" e "sexualidade" na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de Licenciatura das instituições de Ensino Superior publicas do Rio de Janeiro**. Arquivos em Movimento, v.15, n.1, p.25-41, JAN-Jul2019.

DINIS, Nilson Fernandes. 2011. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, Curitiba, n. 39, p. 39-50, 2011.

DORNELLES, Priscila Gomes.; WENETZ, Ileana. **Educação Física escolar e o trato pedagógico com o esporte: Proposições contrassexuais**. In PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa.; SILVA, Alan Camargo (Org.). Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento – 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.

DURAN, Maria Victoria Camacho. **A aula de Educação Física como reprodutora de estereótipos de gênero: A Luz Da Experiência No Colégio Inen Santiago Pérez - Santa Fé Bogotá**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999.

- DUARTE, Cátia Pereira. **O discurso de escolares adolescentes feminina sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Gama Filho, RJ, 2003.
- DUARTE, Mariana de Oliveira. **Educação Física para todos e todas? Gêneros e sexualidades dentrofora dos cotidianos escolares: disputas, atravessamentos e práticas.** In: Iran Ferreira de Melo; Natanael Duarte de Azevedo. (Org.). Campina Grande, PB: Editora Realize, 2019, v. IV, p. 255-269.
- FERNANDES, Simone Cecilia. **Os sentidos de gênero em aulas de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual De Campinas, SP, 2008.
- FERREIRA, José Luiz. **As relações de gênero nas aulas de Educação Física: Estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal da Paraíba, 1996.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, Campinas, v. 1, n. 2, p. 71 -83, 2010.
- JACO, Juliana Fagundes. **Educação Física Escolar e Gênero: Diferentes maneiras de participar das aulas.** Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, SP, 2012.
- JUNIOR, Américo Rodrigues da Costa. **A participação feminina na Educação Física no ensino médio: as exclusões de gênero e a pouca diversidade de conteúdos.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- LEMOS, Greissy Leôncio Reis. **Gênero e docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores Instituto de educação Euclides Dantas.** Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, BA, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis RJ: Vozes, 1997.
- MILANI, Amanda Gabriele. **Gênero nas Aulas de Educação Física: Diálogos Possíveis com os Conteúdos do Currículo do Estado de São Paulo e o Facebook.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho, SP, 2015.
- MORAES, Antônio Celio de. **Gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física: percepções de professoras/es e alunas/os de uma escola itinerante de Lages/SC.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Planalto Catarinense, SC, 2017.
- PASSOS, Adriano Martins Rodrigues dos. **Performances e Performatividades: negociações sobre gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, GO, 2014.
- PEREIRA, Sissi Aparecida Martins. **O Sexismo nas aulas de Educação Física: Uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero dos jogos e brincadeiras.** Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, RJ, 2004.
- PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa., PONTES, Vanessa Silva.; RIBEIRO, Carlos Henrique Vasconcellos.; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. **Os estudos de gênero e masculinidades e seus reflexos para a Educação Física.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2015.

SANTOS, Narciso Mauricio dos. **Educação Física Escolar e as práticas educativas: estereótipos masculinos/femininos.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, SP, 2010.

SANTOS, Luciano Rodrigues dos. **Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.** Tese (Doutorado em Educação). Fundação Universidade Federal de Sergipe. SE, 2016.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cad. CEDES, vol.19, n.48, Campinas, agosto de 1999.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito.** 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVA, Emerson Jose Lima Da. **A Prática do professor de Educação Física escolar: perspectivas de inclusão.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP, 2011.

SILVA, Paulo Severino da. **Relações de gênero na Educação Física - A subjetivação das práticas educativas.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar). Universidade Federal de Rondônia, RO, 2017.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos Transgressores: Contribuições da analítica Queer para a área de Educação Física.** In PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa.; SILVA, Alan Camargo (Org.). **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento - 1. Ed.** Curitiba: Appris, 2019.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **"Meninos, A Marcha! Meninas, A Sombra!" A História do ensino da Educação Física em Belo Horizonte.** Tese (Doutorado Em Educação). Universidade Estadual de Campinas, SP, 1994.

SOUZA, Denis Mauro Rodrigues de. **Professores de Educação Física em Formação Corpo, Relações de Gênero e Sexualidades.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2013.

STEFANE, Cláudia Aparecida. **Professores de Educação Física: Diversidade e Práticas Pedagógicas.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, SP, 2003.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Educação Física Escolar e Relações de Gênero: Risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2012.

ZUZZI, Renata Pascoti. **As Relações de Gênero na formação profissional em Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2005.